

8

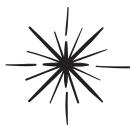
SEGREDOS

PARA UMA

MANIFESTAÇÃO

PODEROSA

Como Criar a Realidade
dos Seus Sonhos



MANDY MORRIS



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023

SUMÁRIO

Introdução: Quem Não Gosta de um Bom Segredo? xv

PARTE I

DOBRANDO O TEMPO

Capítulo 1: Do Caos à Magia 1

Capítulo 2: O Bê-á-bá da Manifestação 21

Capítulo 3: A Ciência da Manifestação 41

PARTE II

OS 8 SEGREDOS DE MANIFESTANTES PODEROSOS

Capítulo 4: Segredo nº 1: Crie Registros Energéticos 61

Capítulo 5: Segredo nº 2: Desembarace as Energias Densas 79

Capítulo 6: Segredo nº 3: Controle Gatilhos com Quebras de Padrões 95

Capítulo 7: Segredo nº 4: Busque o Amor-Próprio 113

Capítulo 8: Segredo nº 5: Abrace Sua Energia Intencional para Começar a Manifestar 133

<i>Capítulo 9:</i>	Segredo nº 6: Crie um Modelo de Manifestação para Medidas de Ação	155
<i>Capítulo 10:</i>	Segredo nº 7: Reformule as Regras Restantes	171
<i>Capítulo 11:</i>	Segredo nº 8: Incorpore Seu Eu do Futuro	185
<i>Capítulo 12:</i>	Fechando o Ciclo	199
 <i>Considerações Finais</i>		219
<i>A Comunidade dos 8 segredos</i>		223
<i>Índice</i>		225

AMOSTRA

Capítulo 1



DO CAOS À MAGIA

Às vezes, nossas dores e nossos traumas mais profundos podem nos ajudar a descobrir quem nascemos para ser. As situações que nos levaram a estar ali podem não ser das melhores, mas o potencial de transformá-las em algo útil e gratificante pode nos levar a uma existência maravilhosa — uma que melhora quem somos e que também ajuda os outros. Durante muito tempo de minha vida, fui escrava do turbilhão interior que vinha de sobreviver a experiências dolorosas e extremamente emocionais e, como resultado, eu inconscientemente criei uma vida que era repleta de um número ainda maior de dificuldades, mágoas, medo e vergonha. Eventualmente fui capaz de contornar a situação quando descobri, e implementei cuidadosamente, os segredos que revelarei neste livro. Eles me guiaram até um lugar de autoconhecimento intenso, o qual me ajudou a manifestar os desejos de meu coração e presenciar milagres acontecendo sem nenhum esforço.

A vida dos *seus* sonhos também está ao seu alcance, e eu mal posso esperar para o ajudar a chegar lá. Mas, primeiro, eu adoraria compartilhar minha história, para que você tenha uma noção do que tive que

superar. Deixei de fora alguns detalhes mais íntimos a fim de proteger entes queridos, porém, espero que o que eu revele o ajude a sentir, bem lá no fundo, que, se consegui dar a volta por cima, você também consegue.

O Chamado que Mudou Tudo

Ainda me lembro claramente de minha própria transformação. Ela começou no dia em que apaguei minha luz interior.

Quando eu tinha 13 anos, um grande amigo meu morreu de um aneurisma cerebral repentino, e, na mesma tarde em que aconteceu o seu funeral, recebi uma ligação de meu pai, com uma voz derrotada, tensa e completamente triste — era óbvio que alguma coisa estava muito errada. Perguntei por que ele parecia tão sobrecarregado de sofrimento e exaustão, e ele simplesmente disse: “Querida, seu pai está apenas cansado. Diga à sua irmã que eu a amo muito.” Mesmo com 13 anos, pude sentir intuitivamente o peso das poucas palavras de meu pai e deduzir que ele tentaria algo contra si mesmo.

Ele estava ligando para dizer adeus.

Fiquei paralisada e imediatamente internalizei a experiência. Não chorei nem gritei para que ele ligasse para a emergência, em vez disso, era como se meu coração tivesse parado e eu tivesse sido tomada pela culpa, confusão e pelo arrependimento. Achei que, se eu estivesse com meu pai antes de ele tomar a decisão de tirar sua vida e dissesse que a alma dele era maravilhosa e que todos os erros dele tinham sido perdoados — se eu pudesse tê-lo convencido de que ele merecia amor incondicional e em abundância —, logo aquela ligação e o frasco de comprimidos que ele engoliu que resultou nela nunca teriam acontecido.

Enquanto eu crescia, nunca soube que meu pai lutava com seus próprios demônios. Ele nunca lidou com nenhum trauma de infância, não sentiu vergonha de seus relacionamentos amorosos nem escondeu sentimentos profundos de inadequação. Como a maioria das garotinhas, eu achava que meu pai era grande e forte e que poderia lidar com

qualquer coisa que a vida jogasse em seu caminho. Achava que meu pai era valente e invencível. Ele era meu mundo e uma de minhas maiores fontes de amor — ainda assim, mal eu sabia que amor era exatamente aquilo que meu pai mais ansiava dos outros e dele mesmo. Ele precisava sentir que fora absolvido de seu passado, mas eu não entendia que isso era algo que ninguém poderia fazer, apenas ele. Que além do suicídio, havia outra maneira.

Eu me sinto grata e completamente sortuda por meu pai não ter morrido naquele dia. Graças à minha mãe, que pegou o telefone de minha mão e ligou para uma ambulância e então gritou para que ele lhe dissesse onde estava e que não envolvesse nem a mim nem a minha irmã naquele momento perturbador, meu pai sobreviveu à overdose. Depois que os paramédicos fizeram uma lavagem estomacal em meu pai e ele fumou um cigarro, ele ligou para dizer que ficaria bem.

Essa experiência virou minha vida de cabeça para baixo. Fez com que eu me sentisse impotente e rasgou minha alma. Sendo filha de pais divorciados, eu já me culpava por várias situações emocionais que não tinham nada a ver comigo. Então, naquele dia, consegui de alguma forma me sentir responsável pelo vazio e sofrimento de meu pai, censurando a mim mesma por não ter estado lá para impedir sua tentativa de suicídio e logo levando isso a um outro nível no qual eu me perguntava por que eu não era o suficiente para que meu pai quisesse permanecer na Terra comigo. Foi esse último ponto que se transformou em um ciclo de autoflagelação que permaneceu junto a mim com o passar do tempo: *Por que meu pai me abandonaria? Não sou boa o suficiente? O que há de errado comigo?*

A tentativa de suicídio de meu pai fez com que eu me sentisse uma filha e pessoa descartável, o que fez com que viver parecesse um esforço sem sentido. Eu me lembro de pensar que, se as coisas poderiam ficar tão feias para meu pai, que era um pilar de força para mim, e eram capazes de forçá-lo a colapsar e desmoronar a ponto de querer morrer, então eu não queria ser parte disso. Se alguém tão fantástico como meu pai não

era capaz de passar pela solidão, pelos fardos emocionais ou seja lá o que o tenha feito se render, então eu não queria enfrentar o que a vida tinha reservado para alguém evidentemente tão indigna quanto eu.

E foi assim que decidi me desligar. Comecei a abandonar a essência de quem eu era até aquele ponto e de quem eu era no fundo de minha alma. Eu me tornei uma sombra de meu antigo eu promissor.

Antes de o Mundo Ficar Sombrio

Antes de perder meu caminho, sempre fui cheia de energia positiva e tinha um potencial brilhante. Fosse uma professora, um vizinho ou um estranho na rua, minha mãe dizia que sempre falavam para ela: “Tem alguma coisa especial na Mandy.” Por exemplo, minha mãe ama contar que, quando eu tinha 3 anos, abri a Bíblia um dia e comecei a ler perfeitamente as palavras que estavam na minha frente! Por volta da mesma época, minha professora da pré-escola disse a minha mãe que achava que eu era extremamente avançada e, já que a pré-escola tinha uma parceria vigente com uma universidade local para crianças dotadas, ela sugeriu que eu me juntasse à instituição. Lá, eles testaram meu QI e criaram um programa para aprimorar minha aptidão. No entanto, minha mãe estava com medo de me pressionar demais e me encorajou a ser uma “criança normal”. Meu pai e o lado dele da família eram todos muito inteligentes, mas também alegavam que sofriam bastante por terem uma mente muito analítica. Minha mãe não queria o mesmo futuro agourento para mim.

Meu bisavô e meu pai tinham cérebros brilhantes, que eram vulneráveis a vícios. Meu bisavô era pedreiro: depois de observar um prédio alto, dizia-se que ele era capaz de falar imediatamente quantos tijolos foram usados para construí-lo. E segundo as histórias da família, ele também era um inventor, com patentes sobre vários tipos de equipamentos de alvenaria. Foi uma pena que ele tivesse vendido suas patentes por trocados e algumas garrafas de bebida, visto que ele bebia para entorpe-

cer todos seus pensamentos desgastantes e hiperativos. Meu pai também era muito brilhante e tinha uma memória fotográfica de impressionar. Quando ele trabalhou como um *landman*, cujo trabalho era negociar com donos de terra para que a empresa dele pudesse operar ou perfurar suas propriedades, minha mãe dizia que ele era capaz de ler páginas e mais páginas de mapas altamente específicos e descrições de terra, e ainda se lembrar de cada detalhe sem precisar dar uma segunda olhada. Meu pai também era um gênio dos jogos de perguntas e charadas. Contudo, nenhum deles teve exemplos positivos ou recebeu o amor de que precisavam para crescer, então se autodestruíram usando remédios e o álcool para desligar a mente.

Tendo em conta os legados desses homens, minha mãe me ensinou a valorizar meu coração, em vez do meu cérebro, e fez com que eu sentisse que ser uma boa pessoa e fazer a coisa certa era tão, senão mais, importante quanto o intelecto. Dessa forma, ela me deu espaço para explorar minha verdadeira natureza — a do amor divino e incondicional. Até mesmo meus professores do ensino fundamental notavam o quanto o amor fluía de mim naturalmente e usavam isso para ajudar os outros. Crianças com necessidades especiais ou com problemas de temperamento, por exemplo, acalmavam-se só de estarem na minha presença. Os professores frequentemente me colocavam com encenqueiros a fim de não terem que se preocupar com eles. Comecei a me ver como uma menina que era capaz de ajudar os outros; as pessoas se sentiam melhor perto de mim, e meu amor se mostrou ser suficiente para acalmar qualquer pessoa. Só de ser eu mesma, *eu* já era suficiente.

Então imagine meu choque e desespero quando a tentativa de suicídio de meu pai sugeriu o contrário. Não é de se admirar que me afundei em sentimentos de autojulgamento, confusão, culpa, insuficiência e raiva.

Algumas semanas após meu pai ter tentado se suicidar, comecei a tirar notas baixas, larguei os programas especiais para alunos dotados de minha escola e parei de me importar tanto com os outros. Eu amava to-

car piano e violão, mas perdi o interesse por essas coisas. Eu me recusava a praticar esportes na escola, mesmo que fosse naturalmente atlética e amasse vôlei, futebol, ser líder de torcida, dançar e fazer ginástica.

Nunca me esquecerei de quando um de meus professores de História do ensino médio me chamou de canto e disse: “O que aconteceu com você? Não vai chegar a lugar nenhum se não começar a se preocupar com seu futuro.” Quando ouvi esse comentário de meu professor, me lembro de ter sorrido por dentro e pensado insolentemente: *Sim, não quero chegar a lugar algum. Você não pode fazer eu me importar e eu já cansei de tentar. De que adianta?*

Se eu tivesse analisado mais na época, teria percebido que o que eu estava *realmente* sentindo era: *Se eu não era capaz nem mesmo de salvar meu próprio pai, de que adiantava?* Eu queria me tornar invisível para que ninguém pedisse minha ajuda — a ajuda que meu pai não valorizava o suficiente para pedir. E se eu fechasse meu coração, não teria que sentir mais dor por qualquer coisa. Acontece que, quando você bloqueia todas as suas emoções dolorosas, também bloqueia o amor e todas as emoções positivas junto. E quando tenta se esconder e se tornar invisível, você apenas atrai para o seu mundo pessoas que pensam do mesmo jeito, da pior maneira possível. As luzes se apagam, e você fica cercado pela escuridão. Acaba até esquecendo de que é luz e começa a pensar que a escuridão é tudo o que existe. Você perde quem você é, até que um dia não reconhece mais quem vê refletido no espelho.

Eu Podia Fugir, mas Não Podia Me Esconder

Durante o ensino médio, a última coisa que eu queria era ficar sozinha com meus pensamentos e sentimentos. Era muito doloroso, então, em vez disso, eu vivia atrás de distrações variadas. Quanto mais rápido eu fugisse, melhor. Isso resultou em muitas mudanças e instabilidade, que se tornaram coisas constantes para mim — com amigos, notas, minha identidade, relacionamentos, carros, transtornos alimentares e coisas do

tipo —, e que fizeram com que eu me tornasse mestre em procurar situações instáveis que ofereciam novidade e gratificação instantânea. Eu vivia em busca de emoções fortes e nunca me permitia ficar confortável demais. Eu gostava de me sentir bem e depois seguia em frente, por escolha própria, sem dar chance para a vida tirar algo de mim primeiro.

Depois da minha formatura, no entanto, saí de casa — e meus pais deixaram claro que, no minuto em que eu saísse pela porta, eu teria que me virar sozinha. Considerando que não tinha escolha a não ser pegar ou largar, decidi que tentaria fazer algo de minha vida. Eu me sacrifiquei, trabalhando em três empregos a fim de pagar minha universidade estadual. Em certo ponto, trabalhei em um ferro-velho carregando pneus, separando peças e registrando sucatas de veículos. Era um trabalho exaustivo. Também comecei a melhorar nos estudos pela primeira vez desde a overdose de meu pai, mas isso não significa que minha vida tinha ficado mais fácil. Ainda tive que dormir em meu carro por algumas noites, precisei de outras pessoas para me comprar comida e pagar meu combustível e sentia vergonha de minha situação. Estava fazendo um sério esforço para progredir, mas não importava o que eu fizesse, não conseguia me sentir estável, feliz ou realizada.

Com poucos recursos para continuar pagando a universidade, eu me transferi para uma faculdade pública e, posteriormente, para a Universidade do Grand Canyon, onde consegui pagar meus estudos integralmente ao trabalhar como consultora educacional para a faculdade. Foi aí que as coisas começaram a melhorar. Conquistei minha graduação em Psicologia e meu mestrado em liderança empresarial. Pela primeira vez em algum tempo, as coisas começaram a melhorar — eu ganhava o que achava ser um bom dinheiro, ia bem no trabalho, comia de maneira saudável e me exercitava bastante. Também me esforcei muito para deixar no passado de uma vez por todas a bulimia, que desenvolvi no ensino médio após mais um relacionamento disfuncional.

Embora eu estivesse agora dando o meu melhor, não percebi que, para ter uma vida boa, precisava me importar com minha saúde mental.

Achei que colecionar diplomas e conquistas me levariam longe, já que era isso que a sociedade valorizava. E por fora, eu parecia bem. Porém, por dentro, eu me sentia um desastre, porque não tinha as ferramentas para me libertar de meu passado. Continuava fazendo escolhas emocionais erradas para mim mesma porque o ciclo tóxico era o meu normal. Abrir meu coração para boas pessoas ou sentir conexões profundas e genuínas parecia perigoso. Acabei em situações e relacionamentos que eram arriscados e destrutivos para minha alma, e eu me culpava e me sentia envergonhada por isso — o que mais para frente gerou uma falta de amor-próprio. Eu escondia isso do resto do mundo. Se ninguém notasse que eu estava desmoronando, era mais seguro do que ser honesta sobre a situação.

Cheguei ao fundo do poço quando, aos 20 e poucos anos, namorei um dos homens mais desajustados e abusivos que já conheci. Esse meu namorado ficava bêbado, me chamava de coisas asquerosas e me mostrava fotos das mulheres com quem ele já havia dormido quando estávamos brigando. Ele então se desculpava e “demonstrava remorso” para que eu cedesse e o perdoasse. Eu me acostumei com esse ciclo abusivo, tentei consertá-lo, e até mesmo tentei imitar seu comportamento. Estava tão habituada a confundir prazer com dor, que aceitei ser tratada assim por ele por tempo demais. Nós ficamos terminando e reatando por dois anos.

Em busca de um recomeço, finalmente me mudei para a Flórida, mas esse mesmo namorado logo foi para lá me encontrar. Depois de um dia especialmente difícil, ele jogou uma taça de vinho tinto na minha direção durante uma briga. O vidro se estilhaçou na parede atrás de mim e o vinho se derramou no tapete. Naquele momento, a percepção da minha profunda falta de autoestima me atingiu no mesmo instante em que um véu pesado de negação começava a ser levantado. Eu pensei: *Como pude deixar isso acontecer comigo? Como cheguei a esse ponto?* Eu me desvalorizava demais para ficar naquela situação por tanto tempo! Eu era capaz de ver a fúria e a dor mal resolvida no rosto dele. Eu não

amava aquele homem do jeito que ele queria, e aquilo estava o matando. Finalmente compreendi e gritei: “Saia! Saia da minha vida!” Ele foi embora. Aquela foi a última vez que eu me prosteei diante do altar do caos.

Era a hora de dizer chega.

Nenhum Lugar para Ir, senão o Topo

Pela primeira vez, percebi que fugir de meus problemas não funcionava. Só tornava tudo pior. Por não enfrentar o trauma com meu pai e meu passado, ele apenas se repetia no presente. Assim como meu pai tentou fugir de sua vergonha e de suas falhas recorrendo a mulheres, drogas, álcool e, finalmente, ao suicídio — a fim de se distrair de seus próprios pensamentos e sentimentos —, eu também estava fazendo a mesma coisa, só que com distrações diferentes. Muitos dos homens que namorei, na verdade, eram como meu pai. O que meu pai mais desejava e precisava era amar a si mesmo. E eu precisava da mesma coisa. Devia a mim mesma o amor que neguei para minha alma por muito tempo — o amor inocente e pueril que era meu estado mais natural e autêntico. Eu precisava achar o caminho de volta para *mim*.

Depois que meu ex-namorado abusivo definitivamente saiu de meu apartamento, caí de joelhos e chorei. Meu corpo se sacudia enquanto eu libertava o peso de incontáveis decisões prejudiciais. Examinei quais caminhos não foram minha culpa e quais escolhas foram. De uma vez por todas, eu me comprometi a entrar nos eixos.

Eu me arrastei até o banheiro, encarando meu reflexo no espelho, à procura de alguém que eu reconhecesse. Fiquei chocada ao encontrá-la. Olhei dentro de meus próprios olhos azuis cristalinos e vi a mim mesma como a alma pura e de potencial ilimitado que Deus me criou para ser. Eu me rendi ao universo e me dediquei à melhoria do mundo. Fiz um voto a Deus: “Prometo para a humanidade que me farei visível. Estou aqui por uma razão, então me mostre o caminho, e eu O seguirei. Eu

não preciso de nada — nem de dinheiro, de um relacionamento ou de filhos —, mas, por favor, dê-me paz.”

Naquele momento, eu me entreguei para ser um vaso de amor para os outros e disse que eu daria tudo o que tinha para ajudá-los e fazer o que fui enviada para fazer. Ainda que eu não compreendesse completamente a capacidade ou o contexto, no fundo de meu coração, eu sabia que queria usar meu trauma para ajudar outras pessoas que estiveram onde eu estive. Sabia que, se eu fui capaz de construir novas crenças e percepções, seria capaz de encontrar outras pessoas que estivessem sofrendo e ajudá-las. Nunca fui uma pessoa muito religiosa, mas sempre acreditei que eu tinha minha própria conexão com Deus. Do meu próprio jeito, preservava certos princípios espirituais como amor, fé, honestidade e integridade. Então, ali estava eu, fazendo meu compromisso na frente do espelho do banheiro com a direção do universo e me sentindo mais segura do que nunca. Senti uma sensação extraordinária de amor, serenidade e orientação me envolver como eu nunca tinha experimentado antes. Eu estava confiando fielmente em um poder superior para me ajudar com meus próximos passos, já que, claramente, depender de minha própria orientação confusa, baseada em um condicionamento passado, estava acabando comigo.

Novos Começos

O que aconteceu em seguida não foi nada menos que um milagre. Nos dias seguintes, minha energia mudou tanto, que eu sentia como se estivesse sendo conduzida por um poder grande e inspirador dentro de mim e ao meu redor. Não sei se um poder superior passou a se mostrar tão forte porque dediquei minha vida à servidão, e meu intuito de mudar era bem fervoroso, ou se foi apenas um milagre aleatório —, mas eu *estava comprometida por inteiro*. Rezei para quem quer que estivesse ouvindo: “Tire tudo o que não é para mim e me traga tudo de que preciso para fazer meu trabalho.” Na época, eu não sabia, mas estava ajustando minha energia intencional por meio dessa mentalidade. Estava fazendo um

voto de abandonar o passado e meu senso de controle para que então eu pudesse apenas servir e alcançar o que estava destinada a fazer.

Em pouco tempo, conheci pessoas inspiradoras, saudáveis e amorosas, que apoiavam coisas boas e apreciavam minha luz sem querer controlá-la ou apagá-la. Li sobre mecânica quântica e metafísica e pude sentir meu intelecto natural ressurgindo. Desenvolvi técnicas de manifestação frágeis, mas efetivas, sendo guiada por percepções que eu intuía enquanto meditava. Lembrei-me de minhas escolhas erradas e de que eu tinha machucado os outros como subproduto de minha dor e angústia mental mal resolvidas; minha compaixão por aqueles que estavam em minha posição cresceu imensamente. Eu reencontrei minha alma e o ser amoroso puro que era. Gastei tempo canalizando, da melhor forma que podia, para ter certeza de que eu estava sendo guiada pelo divino.

Perceba, a canalização não era algo novo para mim, mas eu ainda não tinha refinado esse dom. Quando era criança, eu via espíritos e energias e ouvia sons que ninguém mais conseguia. Por volta dos 20 anos, entrei em um canal na frente de um amigo de mentalidade espiritual — a minha boca se abriu, e as palavras começaram a sair. Ele comprou para mim um livro sobre o tema, mas aquilo ainda me assustava. Eu tinha medo de que algo maligno fosse se apossar de mim. Contudo, se eu não deixasse a informação fluir, minha cabeça doía. Logo, aprendi a usar o amor para garantir que eu canalizasse apenas informações divinas que vinham de Deus.

À medida que uma nova vida começava a se desenrolar diante de mim, ela se tornou uma jornada incrível e alucinante. Aprendi a viver no presente, o que acalmou minha mente, e se não olhasse muito para trás ou para a frente, conseguia respirar. O universo também deixou algumas migalhas de orientação que me guiaram na direção de oportunidades e encontros promissores. Enquanto ainda estava na Flórida, criei vídeos para minhas páginas nas redes sociais a fim de me conectar com outras pessoas. Nesses vídeos, eu compartilhava o que aprendi sobre a frequência das emoções e a energia por trás das palavras,

e então usava minha formação em Psicologia para conjugar tudo isso. Eu também compartilhava o que descobria por meio da canalização e meditação. Fazer esses vídeos permitia que eu me expressasse e expandisse minha comunidade. Foi durante uma meditação, na verdade, que os oito segredos começaram a emergir gradualmente, embora eu ainda não entendesse totalmente como eles impactavam a manifestação. Eu estava essencialmente em uma jornada de autocura, mas estava ficando claro que, quanto mais eu lidava com o passado, mais fácil ficava criar uma vida na qual eu finalmente desejasse viver. Comecei a amar a mim mesma intensamente e a aceitar que eu era suficiente — e, olha, foi aí que minha vida deu uma guinada, e bem rápido.

Peça e Receberá

Gosto de pensar que meu pedido de ajuda no espelho do banheiro foi recebido por Deus assim: “Ok, Mandy, usarei você como um vaso. Faça a sua parte, e Eu faço a minha.” Porque, não muito depois de me abrir para uma existência mais espiritual e de servidão, meu marido, Oliver, apareceu. Tudo ficava mais bonito quando ele estava por perto. Ele aceitou todas as partes de mim, era muito bondoso e se tornou meu melhor amigo imediatamente. Ele dizia: “Eu amo o arco-íris que é a Mandy.” Foi só ao lado de Oliver, minha alma gêmea, que fui capaz de me tornar a pessoa que sou hoje.

Senti um puxão instintivo na direção de Oliver, como se eu o conhecesse em um nível mais profundo da alma. Ele me pareceu familiar de um jeito que fazia com que eu me sentisse segura e acolhida. Oliver, que também é um curandeiro energético naturalmente dotado, estava discretamente praticando suas habilidades com sua família e seus amigos naquela época. Uma noite, ele fez uma sessão de cura comigo. Eu me lembro de sentir uma conexão cósmica com esse novo amigo maravilhoso. Nós falamos sobre o universo e sobre nosso propósito neste planeta. Ele preencheu um vazio espiritual, e eu apreciei aquilo.